



Ângela Barreto Xavier
OPINIÃO

A ironia intrínseca à estátua do Padre António Vieira

A estátua do padre António Vieira apresenta, também, uma outra ideologia. Essa ideologia é bem diferente daquela que apoiantes e opositores lhe atribuem.

25 de Junho de 2020, 15:00

Em 1939, o historiador da arte, Erwin Panofski, escreveu o célebre livro *Estudos de Iconologia*. Nesse livro, Panofski propôs o método iconológico para interpretar obras de arte e os significados que estas encerram. A proposta de Panofski, válida ainda hoje, pode ajudar-nos a reflectir, uma vez mais, sobre a [estátua do Padre António Vieira](#) e as polémicas que lhe estão associadas.

Panofski propôs três níveis de interpretação: o natural ou primário; o secundário, ou convencional; e o significado intrínseco. Observando a estátua do Padre António Vieira, o primeiro nível revela um homem acompanhado por três crianças. O segundo nível conduz-nos à [identificação desse homem — o Padre António Vieira](#). A estátua materializa em bronze uma das representações mais conhecidas de Vieira, a gravura inserida no livro *Vida do apostólico Padre Antonio Vieira*, do Pe. André Barros, SJ, publicada em 1746. Também nos permite identificar as três crianças: tratam-se, indubitavelmente, de ameríndios, certamente do Brasil onde Vieira foi missionário boa parte da sua vida. Evocando a referida gravura, o escultor optou por trocar os dois homens que nela ladeavam o jesuíta — um ameríndio e um africano, o primeiro de joelhos e o segundo agachado —, por três crianças. Se nada disto merece contestação, já o significado intrínseco da composição proposta pelo escultor Marco Telmo Areias Fidalgo — o terceiro nível de Panofski — tem sido objecto de intenso debate.

O modo como este significado intrínseco foi lido por diferentes grupos sociais resultou quer em actos de vandalização, quer numa defesa acérrima da estátua. Para uns e para outros, a estátua não apenas representa o Padre António Vieira, mas *apresenta* um programa ideológico.



Aqueles que se opõem à estátua, desde o momento da sua inauguração, em 2017, vêem nela o olhar benigno sobre a [colonização portuguesa](#), questionando, por conseguinte, a sua *verdade histórica*. Entre estes, muitos sentem-se insultados, quer por os seus antepassados terem sido objecto da violência colonial portuguesa, quer pelo estatuto subalterno que a estátua transmite — talvez sem assim o desejar — dos povos ameríndios (ou, metaforicamente, dos “colonizados” em geral).

Os que defendem a estátua estão essencialmente a defender o Padre António Vieira, protegendo, ao mesmo tempo, uma determinada ideia de Portugal. Para estes, a vandalização da estátua — que critico abertamente — é entendida como um ataque maior. Um ataque não apenas a Vieira, mas também a uma ideia ainda muito partilhada: de que os portugueses foram melhores colonizadores do que outros europeus; os melhores colonizadores, até.

Para ambos, o que parece estar em causa não é a estátua em si, mas tudo aquilo que esta parece representar que está para além dela. E aqui, defensores e opositores coincidem: para ambos, a estátua *apresenta* uma visão bondosa da colonização portuguesa. Denegri-la é pôr em causa esta visão. Apoiá-la é reiterá-la, reforçando, dessa forma, o senso comum dominante.

Prosseguindo e até alargando a análise panofskiana, a estátua de Vieira *apresenta*, também, uma outra ideologia. Essa ideologia é bem diferente daquela que apoiantes e opositores lhe atribuem. Na verdade, a estátua também ostenta a ideologia dominante entre os séculos XVI a XVIII no que respeita a relação entre portugueses e ameríndios. Esta ideologia subsistiu até ao século XX, e está presente nas mesmas formas — o Padre António Vieira ladeado por crianças — às quais o século XXI atribuiu, contudo, novos significados.

Para os quadros culturais da actualidade, de defensores a opositores, a estátua reenvia para um entendimento benigno da colonização portuguesa. Mas se regressarmos ao contexto cultural no qual a imagem modelo foi produzida, deparamo-nos com algo bastante diferente. Para além de representar o Padre António Vieira com um ameríndio e um africano, a gravura do século XVIII atesta, de um modo geral, o modo como os portugueses viam os “outros”, os “colonizados”. No que diz respeito aos ameríndios, os portugueses viam-se e assumiam-se como “pais” (que amavam, disciplinavam e puniam). O seu dever era guiá-los, independentemente da sua idade e sexo, já que eles eram considerados intelectualmente inferiores, como se estivessem permanentemente num estado infantil. Legalmente, estes ameríndios foram classificados como *miserabile personae*, carentes de tutela, como Pedro Cardim bem demonstrou no recente artigo publicado no *Expresso*.

Ao optar por representar crianças, em vez do ameríndio e africano da gravura original, os promotores da escultura e o seu escultor procuraram, possivelmente, sublinhar o relacionamento simpático que o Padre António Vieira terá tido com as crianças ameríndias. Mas ao fazerem-no — e sem o saberem, diria — materializaram a ideologia original. E essa ideologia, ao contrário do que a maior parte dos portugueses parece continuar a acreditar, não era benigna. Ameríndios, africanos, asiáticos deviam permanecer na sombra dos portugueses, e raramente seriam considerados como seus



iguais, até bem entrado o século XX, como o estatuto do indigenato bem o demonstra. A hierarquia e a desigualdade entre “colonizador” e “colonizado”, retratada na verticalidade da imagem, com o Padre António Vieira ao centro, e as crianças, pequenas, à sua volta, caracterizaram, de facto, o império português (como caracterizam, aliás, muitos outros impérios). A manutenção dessa hierarquia e desigualdade no “governo dos outros” levou, frequentemente, a actos de grande violência. Para que, à semelhança do que a estátua do Padre António Vieira nos mostra, os “colonizados” permanecessem para sempre sob a tutela dos portugueses.

Ironicamente, esse é também o significado intrínseco à estátua de Vieira, invisível aos que, por razões variadas, desconhecem em profundidade a história do império português da época moderna.

Onde fica o Padre António Vieira no meio disto tudo? São poucos, creio, a refutarem a relevância incontornável do Padre António Vieira enquanto figura maior das letras portuguesas; e, por conseguinte, justo merecedor de uma estátua. [Rui Tavares dizia que Vieira merecia melhor](#), e partilho plenamente esta opinião. Oxalá a estátua dedicada a Vieira exaltasse a sua incrível qualidade literária, em vez de procurar apresentá-lo como um precoce defensor dos direitos humanos, suscitando, por causa disso, tantos conflitos de interpretação.

Historiadora, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa